

COMUNICADO TÉCNICO

Nº 26, abril/89, p.1-4

CONTROLE QUÍMICO DA COCHONILHA DA PALMA FORRAGEIRA

Miguel Ferreira de Lima¹

A palma forrageira Nopalea cochinillifera (L.) S.D. foi introduzida na região semi-árida do Nordeste (sertão) após a seca de 1870, com a finalidade de servir como forragem para o rebanho bovino, nos períodos de longas estiagens. Por ser uma planta xerófito, se adaptou bem às condições locais, passando a ser o maior suporte forrageiro para o rebanho bovino da região sertaneja. Na época da seca, esta cactácea é freqüentemente atacada pela cochonilha Diaspis echinocacti (Bouché).

O ataque se inicia pelas raquetes mais velhas e se dissemina para as mais novas. Pela ação sugadora, a praga depaupera a planta e, quando o dano é severo, provoca a sua morte. O ataque se manifesta, inicialmente, em reboleiras, podendo atingir todo o plantio. Esta forma inicial de manifestação facilita o controle, especialmente quando o pecuarista realiza inspeções do plantio.

No Estado de Sergipe, por ocasião da seca de 1981, a cochonilha atacou o palmar dos municípios sertanejos, provocando-lhe severos danos. Por solicitação de pecuaristas e pela expressão sócio-econômica que representa, o Centro Nacional de Pesquisa de Coco-CNPCo (a então UEPAE de Aracaju) desenvolveu este trabalho experimental, na Fazenda Mulungo, no município de Poço Redondo.

O experimento foi instalado em um palmar com 3 anos de idade, no período de 8 de maio a 22 de junho de 1981. O delineamento foi inteiramente casualizado, com 14 tratamentos e 10 repetições. Foram testados 6 produtos químicos comerciais, aplicados isoladamente e em mistura, formando os seguintes tratamentos:

Controle químico da cochonilha
1989 FL-13277



43616-1

¹ Eng.-Agr., M.Sc., Pesquisador da EMBRAPA/Centro Nacional de Pesquisa de Coco (CNPCo), Caixa Postal 44, CEP 49001 Aracaju, SE.

CT/26, CNPCo, abril/89, p.2

- 1) Óleo mineral a 0,5 %
- 2) Óleo mineral a 1,0 %
- 3) Óleo mineral a 1,5 %
- 4) Paration metílico a 0,06 %
- 5) Fosalone a 0,035 %
- 6) Clorpirifós a 0,04 %
- 7) Azinfós etílico a 0,04 %
- 8) Malation a 0,05 %
- 9) Óleo mineral a 0,5 % + Paration metílico a 0,03 %
- 10) Óleo mineral a 0,5 % + Fosalone a 0,018 %
- 11) Óleo mineral a 0,5 % + Clorpirifós a 0,02 %
- 12) Óleo mineral a 0,5 % + Azinfós etílico a 0,02 %
- 13) Óleo mineral a 0,5 % + Malation a 0,025 %
- 14) Testemunha

Para a aplicação dos tratamentos, foi utilizado um pulverizador costal com 20 litros de capacidade. A testemunha recebeu 5 litros de água, quantidade igual a usada nos demais tratamentos. Foram feitas três pulverizações com intervalos de quinze dias. Aos tratamentos de 4 a 8, foi adicionado espalhante adesivo na proporção de 1,0 %. Os outros tratamentos não receberam o espalhante adesivo, uma vez que o óleo mineral, do próprio tratamento, tem também função coadjuvante.

As amostragens foram feitas quinzenalmente. De cada amostra foram contadas as cochonilhas mortas e vivas, existentes em uma área de um centímetro quadrado. A percentagem média das cochonilhas mortas foi analisada pelo método de Tukey, a 1 % de probabilidade.

Três importantes inimigos naturais foram encontrados predando a D. echinocacti: Zagreus bimaculosus, Coccidophyeus citricola e Curinus sp.

Com a primeira pulverização, as médias demonstraram que não houve diferença significativa entre os produtos e a testemunha (Tabela 1).

Após a segunda pulverização, as médias demonstraram que houve diferença significativa entre os tratamentos 8, 12 e a testemunha (Tabela 1). Já com a terceira pulverização, houve diferença significativa entre os tratamentos 3, 7, 12, 8, 4, 10, 13, 1 e a testemunha. Nesta última pulverização, o óleo mineral, nas concentrações de 0,5 % e 1,5 %, demonstrou controle estatisticamente igual a outros tratamentos que continham ingredientes tóxicos (Tabela 1).

O óleo mineral é um produto não tóxico, tanto para o homem como para os animais, não afetando também os inimigos naturais da cochonilha. Conseqüentemente, ao se fazer opção de uso do defensivo químico na presença destes insetos úteis, a decisão deve recair sobre o óleo mineral, uma vez que haverá o controle da cochonilha D. echinocacti e a preservação dos inimigos naturais, que continuarão com o processo de controle da praga.

CT/26, CNPCo, abril/89, p.3

CONCLUSÃO

Para controlar, quimicamente, a cochonilha da palma forrageira, deve ser aplicado o óleo mineral na proporção de 10,0 ml do produto para 20 litros de água, em três pulverizações com intervalos de 15 dias.

Tiragem: 500 exemplares

TABELA 1. Avaliações médias da cochonilha D. echinocacti, morta após cada pulverização com defensivos agrícolas. Poço Redondo, SE - Junho de 1981.

Tratamentos	Médias ¹		
	1ª Avaliação	2ª Avaliação	3ª Avaliação
3. Óleo mineral a 1,5 %	66,84 a	81,06 ab	95,60 a
7. Azinfós etílico a 0,04 %	62,79 a	81,79 ab	95,42 a
12. Óleo mineral a 0,5 % + Azinfós etílico a 0,02 %	52,90 a	83,43 a	93,14 a
8. Malation a 0,5 %	63,25 a	85,65 a	91,00 a
4. Paration metílico a 0,06 %	51,11 a	70,23 ab	90,60 a
10. Óleo mineral a 0,5 % + Fosalone a 0,018 %	50,19 a	71,54 ab	89,83 a
13. Óleo mineral a 0,5 % + Malation a 0,025 %	58,66 a	66,75 ab	88,99 a
1. Óleo mineral a 0,5 %	53,18 a	78,31 ab	87,46 a
2. Óleo mineral a 1,0 %	69,41 a	81,21 ab	85,73 ab
5. Fosalone a 0,035 %	59,10 a	77,91 ab	84,55 ab
9. Óleo mineral a 0,5 % + Paration a 0,03 %	41,55 a	71,67 ab	84,41 ab
6. Clorpirifós a 0,04 %	61,54 a	79,80 ab	78,78 ab
11. Óleo mineral a 0,5 % + Clorpirifós a 0,02 %	50,60 a	58,45 ab	78,62 ab
14. Testemunha	57,49 a	52,11 b	64,81 b

¹ Tratamentos seguidos da mesma letra não diferem, estatisticamente, ao nível de 1 % de probabilidade, pelo teste de Tukey.

C.V. 1ª Avaliação: 38,85 %
 C.V. 2ª Avaliação: 23,80 %
 C.V. 3ª Avaliação: 14,60 %